

# Economia.

**Supremo é pressionado a julgar royalties**  
Pág. 39

EDITORA:  
**ELAINE SILVA**  
ecferreira@redgazeta.com.br  
Tel.: 3321.8327  
agazeta.com.br/dinheiro

gazetadinheiro

## CIDADES SEM FUNDAP

# SITUAÇÃO PIORA MUITO

### Exportações, importações e receitas do ICMS despencam

#### IMPACTOS

Veja como a situação do comércio exterior está ruim e pior ainda com a mudança no Fundap

PERDAS PARA AS CIDADES - Municípios que mais perderam receita

Município	1º sem/13(R\$)	1º sem/12(R\$)	Varição(%)
Conceição da Barra	904.795,60	2.527.440,51	-64,2
Vila Velha	6.893.175,87	18.067.604,26	-61,8
Ponto Belo	286.282,98	729.735,20	-60,7
Ibiraçu	320.448,44	812.296,48	-60,5
Alto Rio Novo	241.514,45	609.888,1	-60,4
Montanha	656.212,44	1.643.235,82	-60
Venda Nova do Imigrante	827.039,73	2.058.705,50	-59,8
Marechal Floriano	604.375,19	1.499.419,40	-59,7
Alegre	665.637,39	1.499.419,40	-59,5
Jaguaré	909.508,08	2.237.144,40	-59,3
Presidente Kennedy	355.792,02	873.551,62	-59,3
Atílio Vivácqua	400.560,55	974.755,77	-58,9
Baixo Guandu	711.584,04	1.723.133,84	-58,7
São Mateus	2.040.502,58	4.935.034,01	-58,6
Serra	13.690.924,07	33.043.155,37	-58,5
Colatina	2.307.935,66	5.571.554,85	-58,5
Bom Jesus do Norte	183.786,61	442.102,34	-58,5
Guarapari	974.304,64	2.343.675,08	-58,4
Cachoeiro de Itapemirim	3.807.681,49	9.111.036,88	-58,2
Vila Valério	638.540,65	1.528.715,34	-58,2

ENTENDA

- **A redução da alíquota de ICMS de 12% para 4% nas operações interestaduais de produtos importados, a partir de janeiro último, provocou queda na arrecadação.**
- No comparativo dos primeiros seis meses de 2013 com o mesmo período de 2012, a redução foi de **55,76%** no valor total do ICMS arrecadado
- Com isso os municípios perderam receita. Para alguns a queda no repasse do ICMS ficou acima da média

#### EXPORTAÇÃO RUIM

No comparativo de janeiro a julho, as exportações do Estado registraram **queda de 16%** em 2013, em divisas

“Rochas ornamentais” é o item da pauta que está no azul. Acumula alta de **25%** no período

Minério, celulose, combustíveis, aço, café e outros alimentos fecharam o semestre no vermelho, com desempenho negativo

#### IMPORTAÇÃO RUIM

De janeiro a julho de 2013, as importações registraram **queda de 18%**, na comparação com o mesmo período do ano passado

Na pauta de importações, a aquisição de aeronaves fechou no azul, com crescimento de **32%** no semestre. O carvão é outro item da pauta que teve a mesma movimentação que a do ano passado

Automóveis, máquinas e equipamentos, eletroeletrônicos e produtos têxteis registraram desempenho negativo

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

/// RITA BRIDI  
rbridi@redgazeta.com.br

Uma das importantes atividades da economia local e fonte de receita para os cofres públicos, o comércio exterior vem amargando resultados desconcertantes nos últimos meses. Acumula, no semestre, desempenho negativo nas importações e exportações, além da queda acentuada na arrecadação do ICMS que é repassado aos municípios.

A redução de 12% para 4% na alíquota do ICMS nas operações interestaduais com itens e mercadorias importados do exterior aliada aos reflexos da crise, que ainda retrai a economia de diversos países, são os principais motivos da fase negativa do comércio exterior.

Os gargalos da área portuária, que contribuem para elevar excessivamente os custos do transporte marítimo nos portos do Estado, também têm sua cota de responsabilidade na piora dos resultados acumulados nos primeiros seis meses.

De acordo com os dados divulgados pelo Sindicato do Comércio de Exportação e Importação (Sindiex), entre janeiro e julho de 2013, em comparação ao mesmo período do ano passado, as exportações tiveram queda de 16% e as importações caíram 18%. No comparativo do semestre, os repasses de ICMS para os municípios amargaram retração de 55,76%.

O presidente do Sindiex, Severiano Alvarenga Impe-

rial, destaca que o recuo nas importações já era esperado com a mudança na alíquota do ICMS. Ele explica que a queda em valor (dólar) no acumulado do ano está na faixa de 20%. Com a diminuição da alíquota, a perda da arrecadação do ICMS é de dois terços e, dentro desse quadro, o volume dos negócios chega a ser 40% menor.

As exportações totalizaram US\$ 5,98 bilhões nos sete meses do ano frente aos US\$ 7,12 bilhões embarcados no mesmo intervalo de 2012. Esse retrocesso verificou-se, principalmente, com a redução nas vendas de ferro e aço (-36%), petróleo (-18%), minério de ferro (-15%), café e outras especiarias (-14%) e

celulose (-7%). As vendas de rochas ornamentais acumulam alta de 25%.

As importações tiveram resultado ainda pior: US\$ 4,17 bilhões de janeiro a julho deste ano contra os US\$ 5,08 bilhões no mesmo período do ano anterior. Isso significou um decréscimo de 18%. Segundo Imperial, esse baixo desempenho ocorreu, sobretudo, pela queda de 32% das importações de automóveis. Outras perdas foram registradas nos negócios com máquinas e equipamentos (-24%), vestuário (-10%) e equipamentos para telefonia celular (-1%).

#### MUNICÍPIOS

Com a drástica redução no repasse do ICMS sobre as importações, muitos muni-

cípios passam por sérias dificuldades para manter o pagamento dos servidores. O impacto é fortemente negativo para 60% a 70% das cidades, avisa o presidente da Associação dos Municípios do Espírito Santo (Amunes), Dalton Perim.

A diminuição no repasse das parcelas do ICMS impacta negativamente o orçamento dos municípios que acumulam perdas de receita entre 10 a 15%, explica Perim, que é também o prefeito de Venda Nova do Imigrante.

Ele alega que fazer demissões para reduzir o custo da folha não é a solução para a maioria dos municípios, porque o corte de pessoal implicará em menos oferta dos serviços prestados, situação que não será

aceita pela população. “Os gestores estão muito preocupados com a situação de seus municípios”, destaca.

Perim lembra que, graças aos convênios com o governo federal e aos repasses da União, os prefeitos estão conseguindo fazer obras nas cidades.

Na tentativa de encontrar uma alternativa para que consigam recursos para a folha de pagamento sem a necessidade de demissões, vão pedir ao governo estadual que repasse aos municípios, para as despesas com pessoal, uma parcela do que o Estado recebe com o pagamento dos royalties do petróleo.

CONTINUA pág. 32

miriamleitao@oglobo.com.br

MÍRIAM  
LEITÃO

*A economia brasileira ficou mais complexa, mais atada ao mundo; as empresas são afetadas de diversas maneiras pelo câmbio*

## Algumas sobre o dólar

O dólar mais alto veio para ficar. A atuação do Banco Central vai ajudar, está correta, mas pode chegar o momento em que ele tenha que vender dólar físico. O câmbio desvalorizado ajuda as exportações, mas após estabilizar. Quando a moeda americana sobe, impacta a inflação. Os investidores de renda fixa podem perder capital mesmo com a ação do Tesouro de recompra de papéis.

Ótimo que ontem tenha sido de queda do dólar no mundo inteiro, mas tudo se move, quando o preço da moeda americana se altera subitamente. Não é apenas aquela visão binária: sobe o dólar e fica bom para a indústria e o exportador; cai o dólar e é ruim para a indústria e o exportador. A economia brasileira ficou mais complexa, mais atada ao mundo; as empresas são afetadas de diversas maneiras pelo câmbio e, na maioria delas, o efeito é positivo e negativo. As dívidas e os insumos importados ficam mais caros num primeiro momento; a competitividade da indústria e dos exportadores aumenta a médio prazo, quando o dólar se estabiliza em outro patamar.

Solange Srour, economista-chefe da ARX Investimentos, acha que além

da mudança no mundo, os agentes econômicos temem as incertezas internas.

“O dólar mais alto veio para ficar, a economia americana está mais forte, há uma mudança na liquidez no mundo com a decisão que o Fed vai tomar. Há medo das incertezas internas nos próximos 18 meses até a eleição. O governo está se desentendendo muito, ninguém sabe quem manda em quê. A presidente afirmou o compromisso fiscal, mas as ações do governo são contrárias ao discurso”, disse ela, numa entrevista que me concedeu na Globonews.

Dados mais fracos da economia americana fizeram o dólar cair ontem, mas também ao redor do mundo houve intervenções dos bancos centrais.

O economista Cláudio Frischtak, da Inter B Consultoria, usou a expressão “cacofonia oficial” para concordar com Solange sobre esse espantoso coro de gente dando palpite no governo – ou nas cercanias – sobre câmbio. Esse é assunto delicado, sobre o qual é melhor fazer do que falar. O efeito do dólar em alta espalha-se por toda a economia, diz Frischtak.

“Todos nós estamos mais pobres desde o dia em que o dólar começou a subir. Os preços dos importados e dos produtos afetados pela moeda americana estão mais caros, a inflação fica mais alta e tira poder aquisitivo da população. O Banco Central terá que manter os juros subindo. Os

### Os pontos-chave

1

O dólar mais alto veio para ficar, dizem os analistas. Mas a atuação do BC pode evitar os exageros

2

As empresas são afetadas pelo câmbio e uma mesma companhia pode ter impacto positivo e negativo

3

Dólar mais alto leva a mais inflação, mais juros, menor poder aquisitivo. Toda a economia é afetada

juros de mercado já deram um salto”, diz Frischtak.

Perguntei a ele se os aplicadores terão perdas com essa mudança do quadro de juros e ele disse que sim.

“Na realocação das carteiras, que está havendo agora, há uma fuga de capitais do Brasil; os juros de mercado sobem e os preços dos títulos do Tesouro brasileiro caem, principalmente os pré-fixados. Esses títulos estão nas carteiras dos fundos; se o valor deles cai, as cotas também. Já está havendo perda de capital dessas carteiras. O Tesouro, quando recompra os títulos pré-fixados, estanca as perdas, mas não recompõe os prejuízos já ocorridos”, diz o economista.

Solange afirma que o quadro da economia brasileira está hoje bem mais complexo.

“Temos uma enorme inflação repressada, esqueletos se formando no armário com as políticas parafiscais (transferência de recursos aos bancos públicos, principalmente o BNDES). Este ano e o próximo serão difíceis. O governo tentou crescer estimulando o consumo e isso criou muitas distorções na economia”, diz Solange.

Frischtak calcula em 10% a inflação real no Brasil, sem a repressão das tarifas e preços controlados. E lembra que é melhor enfrentar isso agora do que em 2014, que é ano eleitoral.

—  
Com Valéria Maniero

### MESMO SEM FUNDAP

# Bandes lucra R\$ 4,67 milhões

Valor, referente ao 1º semestre do ano, supera os R\$ 52 mil do mesmo período de 2012

ABDO FILHO  
afilho@redgazeta.com.br

No primeiro semestre sem o Fundap, principal fonte de receita do Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes) nas últimas cinco décadas, a instituição financeira surpreendeu e registrou um lucro líquido de R\$ 4,679 milhões, muito acima dos R\$ 52 mil contabilizados nos primeiros seis meses do ano passado. O resultado pegou de surpresa até o presidente do banco.

“Quando começamos a fazer o orçamento, em setembro, outubro do ano passado, nossa previsão era fechar o primeiro semestre

com prejuízo. Tivemos de planejar, cortar e qualificar despesas e buscar novas alternativas fora do Fundap. Nos primeiros seis meses de 2013, nosso volume médio por empréstimo subiu, o que é ótimo”, assinalou o presidente interino do Bandes, Guilherme Pereira.

Mesmo tendo o que comemorar, não dá para esquecer do Fundap, o Bandes é o operador da linha de financiamento alimentada pelos recursos do Fundo de Desenvolvimento das Atividades Portuárias. Até janeiro deste ano, a alíquota do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) em cima das importações era de 12%, deste bolo três pontos percentuais iam para os municípios, um ponto percentual para o Estado e os oito restantes iam



Guilherme Pereira: “Não dá mais para viver de Fundap”

VITOR JUBINI - 29/06/2012

para financiar empresas de comércio exterior via Fundap. Agora, essa alíquota está em 4%, sobrando apenas três pontos percentuais para o Fundap.

Os reflexos desta mudança apareceram no primeiro balanço depois da alteração. Nos primeiros seis meses de 2012, foram liberados ao todo R\$ 978,7 milhões, sendo R\$ 810,8 milhões com recursos do Fundap. No primeiro semestre deste ano, a liberação total ficou em R\$ 582,5 milhões, sendo R\$ 428,4 milhões do Fundap, quedas de 40,5% e 47,2%, respectivamente.

“Não dá mais para viver de Fundap, a receita vai cair a um terço do que era. Estamos buscando linhas mais rentáveis, continuaremos forte no microcrédito, que é a nossa função, mas busca-

remos também financiar empresas pequenas com foco na inovação. Os resultados disso já estão aparecendo”, assinala Pereira.

No início do ano, o governo do Estado liberou R\$ 70 milhões para capitalizar o Bandes, desta forma, a instituição ganhou poder de alavancagem e, consequentemente, de novos negócios. “Com esse dinheiro a mais no patrimônio líquido, poderemos emprestar mais R\$ 350 milhões. O desafio é olhar para outros segmentos e dar mais competitividade ao pequeno empresário”.

O executivo comemorou a alta no saldo das operações de crédito, que é o estoque de dinheiro emprestado, de R\$ 727,08 milhões para R\$ 920,38 milhões, expansão de 26,6% na comparação entre semestres.